

**Nós, as economistas políticas da comunicação: um conto de sub-representações e apagamentos em busca de um final feliz no reino encantado da EPC brasileira**

**Nosotras, las economistas políticas de la comunicación: un conto de subrepresentación y borrados en busca de un final feliz en el reino encantado de la EPC brasileña**

**Us, the political economists of communication: a tale of underrepresentation and erasures in search of a happy ending in the enchanted realm of brazilian Political Economy of Communication**

**Sil Bahia**

Diretora de Programas do Olabi. Mestre em Cultura e Territorialidades/ UFF. Bolsista do FUJB-FORD. Pesquisadora do PEIC-ECO/UFRJ.  
Contato: silvana@olabi.co

**Marcia M. S. Gonçalves**

Doutoranda pelo PPGCOM/UFRJ. Bolsista do FUJB-FORD. Pesquisadora do PEIC-ECO/UFRJ.  
Contato: marciamariasg@gmail.com

**Janaine Aires**

Professora do Departamento de Comunicação/UFRN. Doutora pelo PPGCOM/UFRJ. Pesquisadora do PEIC-ECO/UFRJ  
Contato: janaineaires@gmail.com

**Suzy dos Santos**

Professora da Escola de Comunicação/UFRJ. Doutora pelo PósCom/UFBA. Coordenadora do PEIC-ECO/UFRJ  
Contato: suzy.santos@eco.ufrj.br

**Luanda Schramm**

Pós-doutoranda na Escola de Comunicação/UFRJ. Doutora em Ciência Política/ UnB. Pesquisadora do PEIC-ECO/UFRJ  
Contato: luandaschramm@msn.com

**Chalini Torquato**

Professora da Escola de Comunicação/UFRJ. Doutora pelo PósCom/UFBA. Pesquisadora do PEIC-ECO/UFJ  
Contato: chalini.torquato@eco.ufrj.br

**Submetido em: 22 de junho de 2020**

**Aprovado em: 31 de julho de 2020**



## Resumo

Este artigo tem como objetivo principal discutir o processo de invisibilização das mulheres na Economia Política da Comunicação brasileira. Para demonstrar nossos pressupostos, analisamos em detalhe a visibilidade feminina nestas duas décadas da Revista EPTIC, levando em consideração espaços de destaque, distribuição autoral e referencial bibliográfico. Para contribuir com a diminuição desta histórica invisibilidade, apresentamos, também um quadro com 50 autoras de trabalhos que consideramos essenciais para o estudo dos objetos de pesquisa vinculados à Economia Política da Comunicação.

Palavras-chave: Economia política feminista da comunicação; diversidade; inclusão social; Gênero e EPC

## Resumen

El objetivo principal de este artículo es discutir el proceso de invisibilización de las mujeres en la Economía Política de la Comunicación brasileña. Para demostrar nuestros supuestos, hemos analizado en detalle la visibilidad femenina en estas dos décadas de la Revista EPTIC, tomando en consideración espacios de protagonismo, distribución autoral y referencia bibliográfica. Para contribuir a la reducción de esta invisibilidad histórica, presentamos también una tabla con 50 autores de trabajos que consideramos imprescindibles para el estudio de objetos de investigación vinculados a la Economía Política de la Comunicación.

Palavras-clave: Economía política feminista de la comunicación; diversidad; inclusión social; Gênero y EPC

## Abstract

The main goal of this paper is to discuss the progress of women invisibilization at brazilian's Political Economy of Communications. To demonstrate our assumptions, we have analyzed in detail female visibility in these two decades of EPTIC journal, taking into consideration spaces of prominence, authoral distribution, and bibliographic reference. Trying to contribute to the reduction for this historical invisibility, we also present a table with 50 female author's papers that we consider essential for the study of research objects linked to the Political Economy of Communications.

Keywords: Feminist political economy of communication; diversity; social inclusion; Gender and PEC.



## Introdução

Assim como qualquer ambiência social, a Economia Política da Comunicação não está livre de conflitos internos. A influência patriarcal associada às práticas estruturais de apagamento, exclusão e deslegitimação tem sido debatida no plano internacional, especialmente na literatura em língua inglesa (HARTMAN, 1981; MEEHAN; RIORDAN, 2002; MAYER, PRESS, VERHOEVEN, STERNE, 2017; CHAKRAVARTY, MCILWAIN, KUO, GRUBBS, 2018). Nós, latinas, em especial as brasileiras, estamos ainda nos primeiros passos tanto no sentido de diagnóstico quanto no sentido de ações propositivas. Há o fato de que somos relativamente poucos num campo que sofre muitos ataques externos, vivendo numa intensa luta epistemológica (BOLAÑO, 2014) contra a hegemonia liberal que se ampliou na área da comunicação desde os anos 1990. Também vivemos tempos de intensa desdemocratização social e o nosso esforço de atenção não tem dado conta dos diversos fenômenos que se apresentam. E há, também, uma sombra, como uma espécie de temor do conflito com o que há de patriarcal e de racista entre nós, intelectuais comprometidos com o pensamento crítico. Como se discutir a nossa própria desigualdade estrutural servisse mais para uma divisão do campo do que para sua evolução, sua correção afirmativa. A proposta de um dossiê voltado ao mapeamento do estado da arte da EPC no país nos estimula a nos dedicarmos a esta vertente que grita por visibilidade: a Economia Política Feminista da Comunicação.

O artigo-manifesto *How do we intervene in the stubborn persistence of patriarchy in communication scholarship?*, analisando o campo da comunicação a partir dos trabalhos apresentados no congresso da *International Communication Association* (ICA) de 2017 (MAYER; PRESS; VERHOEVEN; STERNE, 2017), impulsionou uma série de estratégias de ação de mulheres pesquisadoras, em particular aquelas vinculadas aos campos da EPC e aos estudos em Comunicação e Política, em diversos cenários. O que antes era apenas percebido e conversado informalmente, nos intervalos dos encontros científicos, tomou a pauta oficial da política editorial das publicações, da gestão dos cursos de graduação e de pós-graduação, bem como das agendas de pesquisa.

Nós, mulheres pesquisadoras do Grupo de Pesquisa em Políticas e Economia da Informação e da Comunicação – PEIC-UFRJ, nos filiamos a este esforço, elegendo como objetivo principal discutir a invisibilidade das mulheres na EPC e, por consequência, propor um levantamento da contribuição feminina ao campo, em especial da perspectiva interseccional, apresentando um quadro com 50 autoras de trabalhos que consideramos essenciais para o estudo dos objetos de pesquisa vinculados à Economia Política da Comunicação. Ao final, sugerimos ações que poderiam gerar políticas inclusivas ao nosso campo, enriquecendo nossas análises.

1. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=-HyxEeEU6\\_4](https://www.youtube.com/watch?v=-HyxEeEU6_4)  
Acesso em 17 jun. 2020.

## **Um mundo de Marlboro? Sub-representações e invisibilidades no ambiente da EPC**

O mote de um anúncio clássico de cigarros dizia: “existe um lugar onde alguns homens fazem o que os outros apenas sonham... onde liberdade, independência e força são soberanas, onde um homem pode comandar o seu destino”<sup>1</sup> muitas vezes parece se assemelhar ao cenário da pesquisa em Comunicação. Tomemos como exemplo as bolsas de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Temos 134 bolsas na área da Comunicação e, em um primeiro olhar, o recorte de gênero parece bastante equilibrado: 66 homens e 68 mulheres. Entretanto, se estratificarmos em camadas pela categorização das bolsas, no topo da carreira acadêmica, as bolsas PQ-1A, temos 10 homens e 3 mulheres contemplados com a mais alta categoria, que representa 10% do total das bolsas (CNPq, 2020).

A lógica estrutural das sub-representações encontra ainda farto material de análise nos quadros de dirigentes das associações científicas, coordenações de Grupos de Trabalho dos principais congressos, lideranças de grupos de pesquisa registrados na área, bibliografias selecionadas para exames e disciplinas de pós-graduação etc. A Revista EPTIC, por exemplo, é, sem sombra de dúvida, o espaço mais destacado da visibilidade na pesquisa em EPC em língua portuguesa. Além do reconhecimento oficial da sua excelência, através dos mecanismos de avaliação da área, como o Qualis-CAPES, e do seu destaque no panorama latino-americano, a EPTIC tem um lugar central para a formação acadêmica nacional. Este lugar privilegiado, portanto, justifica a sua escolha para uma análise empírica sobre a representatividade feminina através das 64 edições disponíveis ao longo dos últimos 22 anos (1999-2020).

Definimos como estratégia metodológica observar dois espaços centrais: os artigos e as entrevistas. Compõe a amostra um total de 532 artigos, publicados em distintas seções, e as 44 entrevistas ao longo da história da revista. As seções de apresentação, tanto da revista quanto de dossiês, e as resenhas foram descartadas da amostra. Os textos foram classificados quanto a: 1) autoria individual; 2) ordem de prioridade nas assinaturas autorais coletivas mistas, aquelas que apresentam homens e mulheres; 3) totalidade de autoras e autores e, quando tratamos das entrevistas, consideramos a seleção de entrevistadas e entrevistados e a autoria das entrevistas (entrevistadoras e entrevistadores contabilizados na totalidade de autoras e autores de cada edição). Feito este primeiro mapeamento, selecionamos os cinco autores e autoras que mais publicaram na revista, analisamos a composição autoral dos artigos que apresentaram para o periódico e, na sequência, partimos para a análise das referências bibliográficas dos 62 artigos publicados na revista por estas 10 pessoas. Descartamos todas as referências cuja autoria por gênero não pode ser verificada, obtendo um universo de 1940 referências bibliográficas, categorizadas em: a) autocitação; b) citação de um dos 5 autoras/autores que mais publicaram

na revista; c) autoras referenciadas; d) autores referenciados; e) co-autorias com gênero oposto e ordem autoral quando publicou com gênero oposto na Revista EPTIC.

Quadro 01 - Representatividade de gênero na Revista EPTIC

Fonte: Elaboração das autoras.

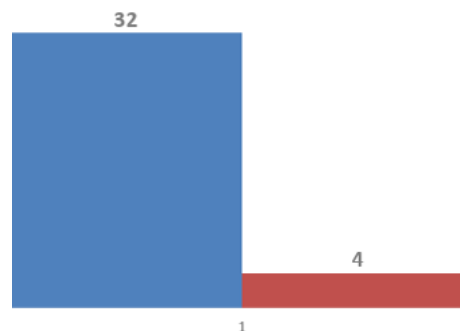
|         | 2020 | 2019 | 2018 | 2017 | 2016 | 2015 | 2014 | 2013 | 2012 | 2011 | 2010 | 2009 | 2008 | 2007 | 2006 | 2005 | 2004 | 2003 | 2002 | 2001 | 2000 | 1999 | TOTAL |
|---------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|-------|
| Artigos | 18   | 33   | 33   | 34   | 37   | 41   | 34   | 40   | 28   | 33   | 31   | 35   | 33   | 26   | 27   | 20   | 19   | 20   | 18   | 18   | 23   | 15   | 532   |
| Autoras | 19   | 30   | 23   | 24   | 41   | 27   | 16   | 38   | 16   | 19   | 18   | 26   | 14   | 15   | 14   | 4    | 8    | 6    | 8    | 6    | 12   | 5    | 317   |
| Autores | 18   | 35   | 29   | 36   | 25   | 27   | 35   | 23   | 24   | 28   | 34   | 32   | 19   | 23   | 23   | 22   | 20   | 19   | 17   | 18   | 23   | 14   | 462   |

Do primeiro ano de existência, quando apresentou 26,3% de autoras em suas duas edições inaugurais, até 2020, quando chegamos a 51,3% de autoras, a EPTIC teve um registro total de 59,3% homens figurando entre as 779 autorias de artigos. O aumento da participação feminina é um dado importante que demonstra o ambiente propício à busca de políticas mais igualitárias nas perspectivas de gênero – bem como raça e sexualidade – para um campo social específico. O momento também é altamente oportuno, depois de duas décadas editada por três homens (1999-2019), 2020 é o primeiro com uma editora na gestão da política editorial.

Um ponto de similaridade com muitas revistas científicas do setor que, ao nosso ver, carece de avanço sob a perspectiva da diversidade é a centralidade masculina e branca nos espaços que refletem diretamente a orientação editorial da revista, o Conselho Editorial e as entrevistas. São espaços de articulações essencialmente políticas, do ponto de vista da visibilidade que se quer dar a uma revista. O conselho editorial de uma publicação é normalmente definido como um grupo de especialistas a quem cabe definir os rumos da política editorial de uma publicação. Isso na teoria. A verdade é que o ambiente dos conselhos editoriais das revistas de Comunicação brasileiras é fortemente marcado pelo personalismo. Trata-se, majoritariamente, de uma marca de distinção. Cada revista organiza, a partir de convites, um quadro de figuras notáveis que contribuirão para a construção simbólica da identidade desta publicação. Conselho editorial é, na essência, uma genealogia que define a linhagem de uma publicação. E neste caso, a escolha por gênero demonstra uma concentração altíssima: 94,11% das pessoas que compõem o conselho editorial da EPTIC são homens, todos brancos.

Gráfico 01 - Composição do Conselho Editorial da Revista EPTIC

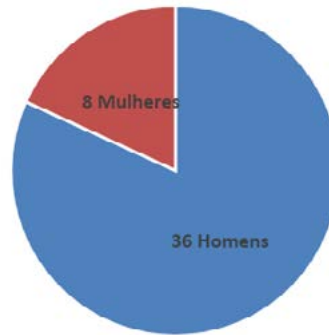
Fonte: Elaboração das autoras.



As entrevistas são as ações mais explícitas de visibilidade – junto com a seleção de dossiês temáticos – das revistas científicas. Enquanto os dossiês são escolhas que estimulam o debate sobre uma perspectiva específica, as entrevistas usualmente “dizem” o que a revista quer dizer ou homenageiam quem a revista avalia merecer destaque. São como um quadro exposto na parede de uma sala. E neste sentido, a imagem é de 81,8% de homens brancos entrevistados.

Gráfico 02 - Entrevistas realizadas pela EPTIC (1999-2020)

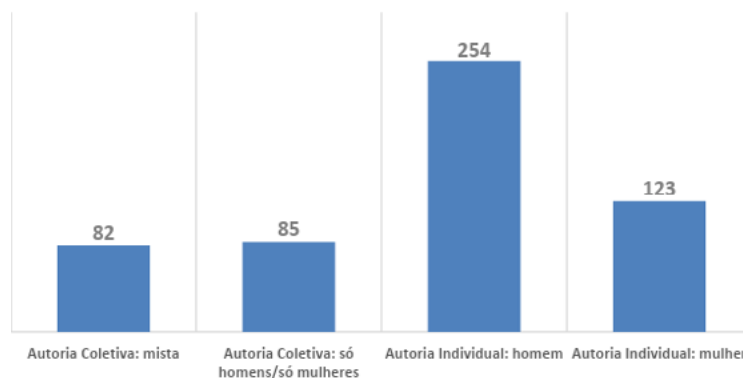
Fonte: Elaboração das autoras.



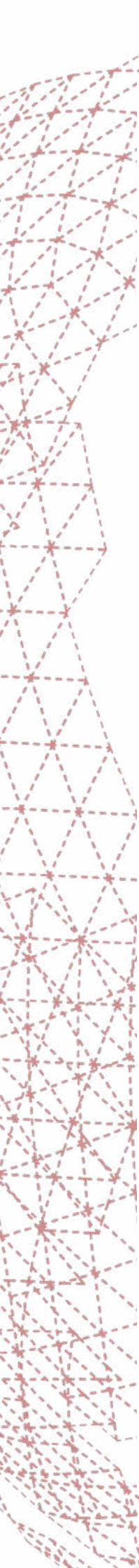
Um outro dado que reflete a centralidade masculina no campo da EPC brasileira é a autoria individual de artigos. Se no campo dos artigos coletivos, temos um índice relativamente equilibrado de artigos coletivos de autoria mista (15,07%) e artigos coletivos com autores de um único gênero (15,6%), nos artigos de autoria individual temos 46,7% de autores e 22,6% de autoras. Seria interessante ter acesso aos metadados das submissões para um cruzamento de gênero entre submissões aceitas e recusadas, bem como entre gênero e pareceristas da revista. Entretanto, a discrepância entre homens e mulheres na autoria individual dos artigos científicos pode ser associada ao impacto do machismo estrutural nas carreiras de mulheres cientistas.

Gráfico 03 - Distribuição dos artigos por tipo de autoria

Fonte: Elaboração das autoras.



Se há um equilíbrio entre mulheres e homens no ingresso ao ensino universitário no Brasil, com 57% de mulheres ingressando anualmente em cursos de graduação (GÊNERO E NÚMERO, 2019), esta proporção vai se distanciando ao longo da carreira, como demonstramos anteriormente na referência às bolsas PQ-1A. Além das mulheres usualmente assumirem a maior parte




do trabalho mental e doméstico nas relações familiares, a maternidade causa um impacto alto na produtividade acadêmica feminina. O levantamento preliminar do projeto *Parent in Science*, que entrevistou cerca de 1,5 mil docentes brasileiras, aponta resultados condizentes com esta hipótese: 54% das mães que responderam ao questionário são as únicas responsáveis pelo cuidado das crianças e 81% das cientistas disseram que a maternidade causou impacto negativo ou muito negativo na carreira (CUDISCHEVITCH, 2019; STANICUASKI, 2018).

As consequências desse machismo incluem i) cientistas sobrecarregadas, fazendo absurdos malabarismos com a carreira e a família para se manterem competitivas e não serem engolidas pelo atual sistema de avaliação de produtividade e mérito; ii) cientistas conformadas com uma posição menos relevante na carreira, para se sentirem em paz com seu suposto papel de mulher; ou iii) cientistas que simplesmente optam por não ter filhos para não prejudicar a carreira (FRANÇA, 2018).

Resgatando a analogia à propaganda dos cigarros que inicia este tópico, as mulheres parecem inexistir “num mundo de Marlboro”. Mas não há nada mais liberal que propaganda de cigarros, não é? A ausência de políticas positivas buscando igualdade social no cerne da EPC são, ao nosso ver, uma deformação. O pensamento crítico e diretamente atrelado à mudança social e à transformação histórica, primordial à Economia Política da Comunicação, nos é de grande valia para o questionamento do quanto a reprodução acrítica de lógicas patriarcais se traduzem em disputas que se dão dentro do próprio campo, sendo essencialmente uma reprodução das lógicas capitalistas. De tal maneira, é de se esperar, no mínimo, por coerência interna do campo, uma postura de combate ao machismo estrutural, numa crítica conjunta aos exclusivismos e privilégios e não de uma adesão conveniente. É este o cerne e a lógica coletivista do dito popular “a revolução será feminista e anti-racista, ou não será”.

### **A ordem autoral e as referências bibliográficas como mecanismos de apagamento e estruturas históricas de subordinação**

Seguindo a análise, observamos a ordem autoral na composição de um trabalho acadêmico, sendo este um espaço de disputa simbólica. Optamos por analisar exclusivamente os trabalhos publicados na Revista EPTIC em grupo que tinham autoria mista (homens e mulheres). Desta amostra de 82 artigos fizemos dois cruzamentos: um curricular; e outro de gênero e localização, buscando entender como estão norteadas as práticas de ordenamento autoral. Observamos que a maioria dos trabalhos (78%) segue alguma forma de ordenamento hierárquico, em detrimento de ordenamento mais técnico, como a ordem alfabética (12%) na distribuição de autoria.




2. Embora não seja comum no Brasil a referência a Innis como autor da economia política da comunicação, ele é frequentemente associado ao campo na bibliografia referencial norte-americana, em particular, a canadense.

Dentre os ordenamentos hierárquicos, o mais visível é o ordenamento por titulação (orientador, doutores, doutorandos, mestres, mestrandos, graduados, graduandos), sendo 32% do total. No entanto, há uma parcela expressiva de autoras e autores que têm o mesmo nível de titulação e se apresentam em ordenamentos que parecem decorrer de critérios subjetivos (56%). Podemos aventar que parte destes artigos tiveram sua autoria ordenada de acordo com a distribuição do trabalho na equipe. Por exemplo, quando duas pessoas fazem a tabulação dos dados, outra escreve uma determinada parte e a outra apenas dá contribuições pontuais. Mas, podemos também supor a existência de uma premissa invisível da supremacia masculina, dado que 55 artigos (67,07% do total) tem um homem como primeiro autor. Este viés coincide com a análise específica dos 5 autores que mais publicaram na revista, juntos, eles publicaram 14 artigos com a participação de outras autoras. Em todos os artigos, seus nomes aparecem em primeiro lugar. O condicionamento das mulheres a um lugar secundário na hierarquia autoral pode traduzir o que Mayer, Press, Verhoeven e Sterne chamam de “insistente persistência” dos regimes de poder: “Estes regimes são organizados tanto verticalmente, em termos de quem escreve o conhecimento disciplinar, e horizontalmente, em termos de quem é citado nos sumários canônicos da disciplina” (2017, tradução nossa, grifo das autoras). Por esta perspectiva, a primazia masculina na ordem autoral funcionaria como uma espécie de política predatória no campo disciplinar.

O apagamento da presença feminina nas publicações da EPC latino-americana ocorre sistematicamente ao longo das décadas que percorrem a sua estruturação no cenário acadêmico nacional. A tradução e a citação sistemática e perene de autores internacionais pode ser entendida como um mecanismo de subordinação do escopo referencial.

Podemos mencionar alguns episódios que marcam como o referencial teórico foi, aos poucos, sendo construído em um contexto absolutamente analógico. Para isso, nos valem do contexto editorial do campo da comunicação no país. Em 1971 foi editada por Gabriel Cohn, da USP, uma das coletâneas mais importantes na história do referencial em comunicação em língua portuguesa no Brasil, *Comunicação e Indústria Cultural* (Editora Nacional). Ali estavam traduzidos os primeiros textos críticos da teoria da comunicação a serem adotados: *A Estrutura e a Função da Comunicação na Sociedade*, de Harold Innis<sup>2</sup>; *Comunicação, Opinião Pública e Poder*, de Jürgen Habermas; *Teses sobre a propaganda*, de Baran e Sweezy; dois textos de Theodore Adorno: o clássico *Indústria Cultural e Televisão, Consciência e Indústria Cultural*. Logo a seguir, ainda nos anos 1970, foram editadas traduções de Herbert Schiller (1976) e Armand Mattelart (1978). Othon Jambeiro nos trouxe as referências a Dallas Smythe, no seu *Canção de Massa: as condições de produção*, de 1975. Depois conhecemos Bernard Miège e Giuseppe Richeri, através das revistas *Intercom* e *Comunicação & Política*, ao longo dos anos 1980.





Em 1982 Sérgio Capparelli lança o *Televisão e Capitalismo no Brasil*, articulando o pensamento dos principais autores dos nascentes estudos em economia política da comunicação, como Giovanni Cesareo, Bernard Miège, Kaarle Nordenstreng, Antonio Pasquali, Peter Schenkel, Herbert Schiller, Dallas Smythe, Nicholas Will. Logo a seguir vieram César Bolaño (1988) e, uns anos depois, Alain Herscovici (1996), incorporando autores do campo da Economia, em especial Maria da Conceição Tavares, Mario Possas, Dominique Leroy e Alain Rallet. A regularidade e ampliação do escopo do debate tiveram avanço também a partir da criação dos GTs Economia das Comunicações e Políticas de Comunicação, em 1992, o que foi essencial para a sistematização regular do debate nos congressos anuais da Intercom. Contribuíram também para a nossa formação de base, as publicações em língua espanhola, como as das editoras Paidós (Argentina) e Gustavo Gili (Espanha) e, principalmente, a primeira década da revista TELOS, coordenada por Enrique Bustamante que fez um sistemático trabalho de tradução dos autores europeus, em especial os ingleses, da Economia Política da Comunicação.

Falamos aqui de universos que avançavam em um contexto pré-digitalização e pré-Internet comercial. É muito importante marcar o contexto inicial do campo para entender que o acesso à reflexão crítica dependia de esforços enormes. Falamos de uma época na qual pesquisadores e estudantes se encontravam nos raros congressos e depois trocavam pelos Correios cópias reprográficas das obras que os impactavam.

Mas, estes tempos já vão longe. O próprio surgimento da Revista EPTIC, em um ambiente totalmente digitalizado, já marca a distância desta “era da xerox lascada”. Eis que chegamos a 2020 e autoras que estiveram no campo desde os primórdios, como Janet Wasko, Angela McRobbie e Eileen Mehan, seguem sem serem traduzidas. Janet Wasko é a única destas autoras que tem alguma visibilidade no Brasil. Embora não tenha nenhum dos seus dois clássicos livros *How Hollywood Works* e *Understanding Disney*, ou seus diversos artigos em EPC traduzidos para o português, Wasko ainda aparece nas referências bibliográficas dos textos sobre cinema e foi entrevistada duas vezes por revistas de excelência na comunicação nacional: a primeira em 2009, na Revista EPTIC, que também apresenta Wasko como coautora na apresentação do volume, editado em parceria com o GT *Political Economy of Communication* da IAMCR, e na Intercom, em 2014.

Seguindo a influência do artigo de Mayer, Press, Verhoeven e Sterne (2017), observamos na Revista EPTIC como as citações bibliográficas ampliam a visibilidade masculina e, simultaneamente, apagam o trabalho feminino na EPC. Selecionamos os 5 autores e as 5 autoras que mais publicaram na revista e classificamos as menções constantes da seção *Referências Bibliográficas* dos artigos pelo recorte de gênero. Para complementar a análise, observamos também como as citações se convertem em ação política através da auto-referência e das conexões internas entre estes autores e autoras. Diferentemente da metodologia utilizada por Mayer, Press, Verhoeven e

Sterne, consideramos a totalidade de vezes que todas as autoras e autores aparecem na seção *Referências Bibliográficas*, em detrimento de optar apenas pelo primeiro nome nas obras de autoria coletiva citadas.

Tabela 01 - Distribuição de autoria nas referências bibliográficas

Fonte: Elaboração das autoras.

|   | Mulheres citadas | Homens citados | Auto-citações | Citações dos 5 homens que mais publicaram na EPTIC | Citações das 5 mulheres que mais publicaram na EPTIC |
|---|------------------|----------------|---------------|--|--|
| <b>5 autoras que mais publicaram na EPTIC</b> | 19,2%            | 64,9%          | 9,6%          | 6,2%   | 0,3%   |
| <b>5 autores que mais publicaram na EPTIC</b> | 8,3%             | 66,2%          | 15,8%         | 9,65%  | 1,08%  |

Embora os artigos publicados por mulheres tenham índices melhores em termos de distribuição das citações, a grande concentração de referências no campo da EPC brasileira é masculina. Podemos explicar porque mulheres e homens escolhem citar homens pela perspectiva da invisibilidade e do reconhecimento. Nem os homens nem as mulheres da EPC brasileira parecem conhecer o trabalho das economistas políticas da comunicação. Das 1940 referências que analisamos, 74% delas se referiam a um escopo de 35 autores. Considerando a imensa diversidade dos temas e dos objetos estudados, nosso leque de referências é ainda muito precário.

Pode-se argumentar, naturalmente, que mulheres reproduzem machismo. Mas, obviamente não se beneficiam dele. E, quando estamos tratando de uma corrente de pesquisa com a natureza da EPC, nos parece que a concentração de gênero não beneficia nem aos homens, dado que são igualmente opositores da natureza excludente do capitalismo liberal. E já temos estudo suficiente no campo, em especial neste contexto recente brasileiro, quando as obras de economistas críticas relevantes, como Silvia Federici, estão circulando com maior frequência entre nós.

### **Saindo das velhas caixinhas: a bibliografia essencial para uma perspectiva ampliada em EPC**

Buscamos nesta segunda parte deste trabalho mapear as contribuições de mulheres que podem servir ao campo como estratégia de diversificação e políticas afirmativas da igualdade. Escolhemos autoras que consideramos fundamentais para a compreensão dos objetos de pesquisa vinculados à Economia Política da Comunicação, no atual contexto de desdemocratização. Em vez do foco exclusivo em autoras da EPC de distintas gerações ou que se dedicaram ao recorte de gênero, incorporaremos autoras que foram fundamentais para a sedimentação deste campo, bem como estudos de gênero nos quais a dimensão crítica da EPC, e a sua tradição de luta epistemológica nas ciências sociais, pode se constituir em um referencial



3. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/zetkin/1920/mes/lenin.htm#r1>>.

imprescindível para evitarmos as armadilhas dos estudos da comunicação e da cultura identificados com o enfoque feminista liberal/pós-moderno.

O casamento entre marxismo e feminismo tem sido como o casamento entre homem e mulher descrito na legislação britânica: marxismo e feminismo são um, e esse um é marxismo. As tentativas recentes de integrar marxismo e feminismo são insatisfatórias para nós como feministas, porque elas substituem a luta feminista na luta “maior” contra o capital. Para avançar esta união ainda mais, ou precisamos de um casamento mais saudável ou precisamos de um divórcio (HARTMAN, 1981, p. 2, tradução nossa).

Uma das referências mais frequentes no debate entre marxismo e feminismo, o texto *The Unhappy Marriage of Marxism and Feminism* é amplamente citado nos debates do campo (ANG, 1991; GARNHAM, 1995; ACKER, 1999; MCLAUGHLIN, 2002; STEEVES, WASKO, 2002; RIORDAN, 2002) como uma síntese inicial do complexo debate que travaram entre marxismo e feminismo nas últimas décadas. Mas a discussão vem de muito antes. Começa com Rosa Luxemburgo (1985), cujo envolvimento intenso com os debates teóricos do socialismo alemão, em que discutia e polemizava em pé de igualdade com os homens do partido, foi a tônica da sua biografia.

A dedicação ao jornalismo é também razão essencial para começarmos por Luxemburgo, Zetkin e Kollontai este levantamento referencial para uma EPC feminista. Lembremos que Zetkin editou, entre 1891 e 1917, o jornal *Die Gleichheit* (A Igualdade), com presença constante de Rosa Luxemburgo e Alexandra Kollontai. Embora a questão da desigualdade de gênero não tenha sido tematizada explicitamente nas produções de Rosa Luxemburgo, a causa das mulheres trabalhadoras sempre teve importância em sua obra e militância. Sobre esse ponto, é interessante o diálogo de Zetkin com Lênin, em que ele questiona o fato de Rosa, Clara Zetkin e outras comunistas atuarem na organização das prostitutas alemãs, escreverem em sua defesa, além de discutir panfletos sobre moral sexual e casamento nos cursos de formação com as operárias<sup>3</sup>.

Sua concepção de “acumulação primitiva permanente” de capital teve ecos em autores contemporâneos como David Harvey, que retoma a discussão sobre a continuidade da acumulação primitiva ao propor o conceito de “acumulação por despossessão” (2011); e Silvia Federici (2017), que também empreende uma crítica a Marx – próxima à de Rosa, embora não a cite. Diferentemente do que pensava Marx acerca do arrefecimento da violência colonialista com a maturação das relações capitalistas, Federici defende que cada fase da globalização capitalista, incluindo a atual, vem acompanhada de um retorno aos aspectos mais violentos da acumulação primitiva, “o que mostra que a contínua expulsão dos camponeses da terra, a guerra e o saque em escala global e a degradação das mulheres são condições necessárias para a existência do capitalismo em qualquer época”.

4. Dentro do projeto guarda-chuva “Saindo das velhas caixinhas: perspectivas não hegemônicas em Economia Política da Comunicação”, coordenado por Suzy dos Santos e Chalini Torquato, pretendemos, em breve, publicar uma revisão sistemática dos estudos em EPC feitos por mulheres no Brasil e sua relação com os estudos feministas marxistas nacionais.

O painel referencial internacional que apresentamos a seguir é um quadro inicial, obras fundamentais que poderiam orientar uma formação continuada em EPC, ampla e inclusiva. Optamos por não nos dedicarmos neste momento ao cenário brasileiro, primeiramente, por se tratar de conteúdo mais acessível, como é o caso, por exemplo, de todo o conteúdo *online* da Revista Estudos Feministas, desde 1992. Outra razão para nos atermos às autoras estrangeiras é porque o foco central deste quadro referencial é o de apresentarmos um levantamento no intuito de dar visibilidade a olhares mais diversos<sup>4</sup>.

Desta forma, nossa escolha foi por artigos, capítulos de livros, livros ou coletâneas tanto das autoras mais tradicionais, com textos “clássicos”, aqueles que toda pessoa que se dedica à Economia Política da Comunicação deve conhecer. E, por outro lado, também ampliar o repertório de temas e objetos menos hegemônicos, mais raros, singulares. Buscamos, também priorizar trabalhos disponíveis nos portais das revistas científicas ou em sites como Libgen, embora tenhamos mantido algumas referências de difícil acesso, pelo seu valor histórico para o campo.

Categorizamos as obras em categorias contextuais: Feministas Marxista-FM, referindo-se às autoras marxistas que não se dedicaram especificamente ao campo da comunicação; Para-EPC, autoras e obras de campos complementares ao estudo da economia política da comunicação; EPC-Fem, autoras vinculadas à Economia Política Feminista da Comunicação; e, por fim, EPC, autoras da economia política da comunicação que não trabalham necessariamente com o recorte de gênero. Obviamente, esta categorização contextual dos trabalhos é limitada, dado que diversas autoras não se enquadram exclusivamente em outra categoria. Ela nos serve como uma aproximação preliminar, a ser verificada em uma revisão bibliográfica mais sistemática.

Com vocês, 50 mulheres que precisamos ler e citar:

#### 50 Autoras essenciais para a Economia Política da Comunicação<sup>5</sup>

Fonte: Elaboração Própria.

5. Apresentamos neste quadro apenas os títulos de livros e artigos. A referência completa está disponível na seção Referências Bibliográficas deste artigo.

|   | AUTORA              | CATEGORIZAÇÃO | PAÍS      | ANO  | REFERÊNCIAS   |
|---|---------------------|---------------|-----------|------|---|
| 1 | Aimée Vega Montiel  | EPC-FEM       | México    | 2012 | Intersections between Feminism and the Political Economy of Communication: Women's access to and participation in Mexico's media industries |
|   |                     |               |           | 2019 | Violencia contra mujeres periodistas  |
| 2 | Alexandra Kollontai | FM            | Alemanha  | 1913 | Women's Day.  |
|   |                     |               |           | 1916 | Working Woman and Mother.   |
|   |                     |               |           | 1920 | Communism and the Family.   |
|   |                     |               |           | 1921 | A nova mulher e a moral sexual.   |
| 3 | Ana Bizberge        | EPC           | Argentina | 2017 | Los desafios de la convergência digital para las politicas de comunicaci3n  |
| 4 | Ana I. Segovia      | EPC           | Espanha   | 2005 | Gigantes globales y grupos regionales en Espa3a: una estrategia conjunta.   |
|   |                     |               |           | 2018 | La integraci3n de los medios en la 3lite del poder  |

|    |                     |             |                  |      |  |
|----|---------------------|-------------|------------------|------|--|
| 5  | Ana Maria Rivadeo   | EPC-FEM     | México           | 2012 | Palabra y violencia: sobre una epistemología del terror.   |
| 6  | Angela McRobbie     | Para-EPC    | Inglaterra       | 1978 | Working class girls and the culture of femininity  |
|    |                     |             |                  | 1993 | Shut up and dance: Youth culture and changing modes of femininity.   |
| 6  |                     |             |                  | 2014 | Be creative making a living in the new culture industries  |
|    |                     |             |                  | 2018 | Where is the 'struggle' in communications for social progress?   |
| 7  | Anita Gurumurthy    | EPC         | India            | 2018 | Sister outsider: essays and speeches.  |
| 8  | Audre Lorde         | Para-EPC    | EUA              | 1984 | A teoria como prática libertadora. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras.   |
| 9  | Bell Hooks          | Para-EPC    | EUA              | 2013 | E eu não sou uma mulher?   |
|    |                     |             |                  | 2017 | Perspectivas conceptuales para el análisis del Estado y las políticas de comunicación  |
| 9  |                     |             |                  | 2019 | Hacia la producción de contenidos audiovisuales para la TDT en Argentina (coautora)  |
|    |                     |             |                  | 2015 | Lenin on the Women's question.   |
| 10 | Bernadette Califano | EPC         | Argentina        | 2015 | Debating communication imbalances from the MacBride Report to the World Summit on the Information Society: an analysis of a changing discourse |
| 11 | Cecilia Labate      | EPC         | Argentina        | 2012 | Global governance and ICTs: exploring online governance networks around gender and media (coautora)  |
| 12 | Clara Zetkin        | FM          | Alemania         | 1920 | Advancing gender equality in media industries: an innovative European approach (coautora)  |
|    |                     |             |                  | 2005 | O inimigo principal: a economia política do patriarcado. Feminismo e recomposição da esquerda.   |
| 13 | Claudia Padovani    | EPC/EPC-FEM | Italia           | 2016 | Convergencia periférica (coautora)   |
|    |                     |             |                  | 2019 | El país que no cabe: políticas de acceso ciudadano a sistemas públicos audiovisuales en Sudamérica   |
| 14 | Cristine Delphy     | FM          | Francia          | 1970 | Ser joven a fin de siglo. Influencia de la televisión en las opiniones políticas de los jóvenes.   |
|    |                     |             |                  | 1994 | Educar em la era de las redes.   |
| 15 | Daniela Inés Monje  | EPC         | Argentina        | 2018 | La Faena de lo incierto. Medios de comunicación y construcción social de la incertidumbre (coautora)   |
|    |                     |             |                  | 2015 | Ratings and the institutional approach: a third answer to the commodity question.  |
| 16 | Delia Covi Druetta  | EPC         | Argentina/Mexico | 1998 | "Holy commodity fetish, Batman!": The political economy of a commercial intertext  |
|    |                     |             |                  | 2001 | Why TV is not our fault: television programming, viewers and who's really in control.  |
| 17 | Eileen Meehan       | EPC/EPC-FEM | EUA              | 1991 |  |
|    |                     |             |                  | 2005 |  |

|    |                         |                 |                     |                      |  |
|----|-------------------------|-----------------|---------------------|----------------------|--|
| 18 | Elena Vartanova         | EPC             | Rússia              | 2011                 | The Russian media model in the context of post-soviet dynamics   |
| 19 | Ellen Melksins Wood     | FM              | EUA                 | 1981<br>2003         | The Separation of the Economic and the Political in Capitalism". Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico  |
| 20 | Ellen Riordan           | EPC-FEM         | Inglaterra          | 2001<br>2001         | Commodified Agents and Empowered Girls: consuming and producing feminism. Commodified Agents and Empowered Girls: consuming and producing feminism.  |
| 21 | Hannah Pandian          | EPC-FEM         | Inglaterra          | 1999                 | Engendering communication policy: key issues in the International Women and Media arena and obstacles to forging and enforcing policy.   |
| 22 | Heidi Hartmann          | FM              | EUA                 | 1979                 | The Unhappy Marriage of Marxism and Feminism: Towards a More Progressive Union.  |
| 23 | Helena Sousa            | EPC             | Portugal            | 2015                 | Economia política da comunicação e dos media: novos cruzamentos e triangulações  |
| 24 | Ien Ang                 | EPC-FEM         | China/<br>Austrália | 1997<br>2001         | Rewriting class, race and gender: Problems in feminist rethinking. On Not Speaking Chinese: Living between Asia and the West   |
| 25 | Janet Kwami             | EPC-FEM         | Gana                | 2016<br>2015         | Development From the Margins? Mobile Technologies, Transnational Mobilities, and Livelihood Practices Among Ghanaian Women Traders Gender, Entrepreneurship, and Informal Markets in Africa: Understanding How Ghanaian Women Traders Self-Organize with Digital Tools |
| 26 | Janet Wasko             | EPC/EPC-FEM     | EUA                 | 1994<br>2001<br>2003 | Hollywood in the Information Age. Understanding Disney How Hollywood Works   |
| 27 | Jennifer A. Jhonson     | EPC-FEM         | EUA                 | 2011                 | Mapping the feminist political economy of the online commercial pornography industry   |
| 28 | Joan Acker              | FM              | EUA                 | 1999                 | Rewriting Class, Race, and Gender: Problems in Feminist Rethinking.  |
| 29 | Karen Hvidtfeldt Madsen | EPC-FEM         | Dinamarca           | 2015                 | A Baby "Made in India": motherhood, consumerism and privilege in transnational surrogacy.  |
| 30 | Karen Ross              | EPC-FEM         | Inglaterra          | 2002<br>2010         | Women's Place in 'Male' Space: Gender and Effect in Parliamentary Contexts Gendered Media: Women, Men and Identity Politics  |
| 31 | Karin Voltmer           | EPC             | Inglaterra          | 2013                 | The media in transitional democracies  |
| 32 | Katharine Sarikakis     | EPC/<br>EPC-FEM | Grécia/<br>Áustria  | 2004<br>2013         | Powers in Media Policy: The Challenge of the European Parliament Making Public Policy in Digital Age: the sex industry as a political actor.   |

|    |                             |             |                 |      |  |
|----|-----------------------------|-------------|-----------------|------|--|
| 33 | Lisa McLaughlin             | EPC-FEM     | EUA             | 2004 | Feminism and the Political Economy of Transnational Public Space.                              |
|    |                             |             |                 | 2012 | Curent Perspectives in Feminist Media Studies (coeditora)                                      |
| 34 | Margaret Gallagher          | EPC-FEM     | Irlanda         | 1977 | Patterns of ownership: questions of control. (coautora)  |
|    |                             |             |                 | 2008 | Feminist issues and the global media system  |
| 35 | Margarita Graziano          | EPC         | Argentina       | 1974 | Los dueños de la televisión Argentina.   |
| 36 | Maria Trinidad Garcia Leiva | EPC         | Espanha         | 2012 | Radio y producción sonora: transformaciones en marcha y nuevas perspectivas                    |
|    |                             |             |                 | 2016 | Política audiovisual europea y diversidad cultural en la era digital.                          |
| 37 | Marion Leonard              | EPC-FEM     | Inglaterra      | 2007 | Gender in the Music Industry   |
| 38 | Micky Lee                   | EPC-FEM     | EUA             | 2011 | A Feminist Political Economy of Communication  |
|    |                             |             |                 | 2014 | A Feminist Political Economic Critique of Women and Investment in the Popular Media            |
| 39 | Nancy Fraser                | FM          | EUA             | 2009 | O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história.  |
| 40 | Natalia Roudakova           | EPC         | Rússia          | 2016 | Journalism as 'prostitution': understanding Russia's Reactions to Anna Politkovskaya's Murder. |
|    |                             |             |                 | 2017 | Losing Pravda: ethics and the press in post-truth Russia.                                      |
| 41 | Ornela Vanina Carboni       | EPC         | Argentina       | 2018 | América Latina por uma rede neutral: o princípio da neutralidade em Chile e Brasil (coautora)  |
| 42 | Patrícia Hill-Collins       | Para-EPC    | EUA             | 1986 | Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro.    |
| 43 | Paula Chakravartty          | EPC/EPC-FEM | EUA/Índia       | 2008 | Labour In or As Civil Society? Workers and subaltern publics in India's Information Society    |
|    |                             |             |                 | 2017 | Mediatized Populisms: Inter-Asian lineages (coautora).   |
|    |                             |             |                 | 2018 | #CommunicationSoWhite. (coautora)  |
| 44 | Rachel Kuo                  | EPC/EPC-FEM | EUA             | 2018 | Racial Justice Activist Hashtags: Counterpublics and Discourse Circulation.                    |
|    |                             |             |                 | 2019 | Animating Feminist Anger: Economies of Race and Gender in Reaction GIFs.                       |
| 45 | Rosa Luxemburgo             | FM          | Polónia/Almanha | 1912 | Direito de voto das mulheres e luta de classes   |
|    |                             |             |                 | 1913 | A acumulação do capital: estudo sobre a interpretação económica do imperialismo.               |
|    |                             |             |                 | 1922 | A Revolução Russa.   |
| 46 | Safiya Umoja Noble          | EPC-FEM     | EUA             | 2013 | Google Search: Hyper-visibility as a Means of Rendering black women and girls invisible        |
|    |                             |             |                 | 2016 | A future for intersectional black feminist technology studies.                                 |
|    |                             |             |                 | 2018 | Algorithms of Oppression.  |

6. Nos referimos aqui a *Sex & Money: Feminism and Political Economy or Media*, editado em 2002 por Eileen Meehan e Ellen Riordan; *Feminist Interventions in the International Communications: minding the gap*, editado em 2013 por Katharine Sarikakis e Leslie Regan; e *The Routledge Companion to Media and Gender*, editado em 2014 por Cynthia Carter, Linda Steiner e Lisa McLaughlin.

|    |                   |             |            |      |   |
|----|-------------------|-------------|------------|------|---|
| 47 | Silvia Federici   | FM          | Itália     | 2017 | O Caliban e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva.                |
|    |                   |             |            | 2019 | O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. |
| 48 | Sonia Livingstone | EPC/EPC-FEM | Inglaterra | 2009 | Children and the Internet: great expectations, challenging realities.       |
| 49 | Tamara Shepherd   | EPC-FEM     | Canadá     | 2013 | Gendering the commodity audience in social media                            |
|    |                   |             |            | 2019 | Net neutrality regulation and the Participatory Condition                   |
| 50 | Vicki Mayer       | EPC/EPC-FEM | EUA        | 2007 | A televisão digital no Brasil: vista de Manaus.                             |
|    |                   |             |            | 2017 | Os lugares onde os estudos de audiência e os estudos produção se encontram  |

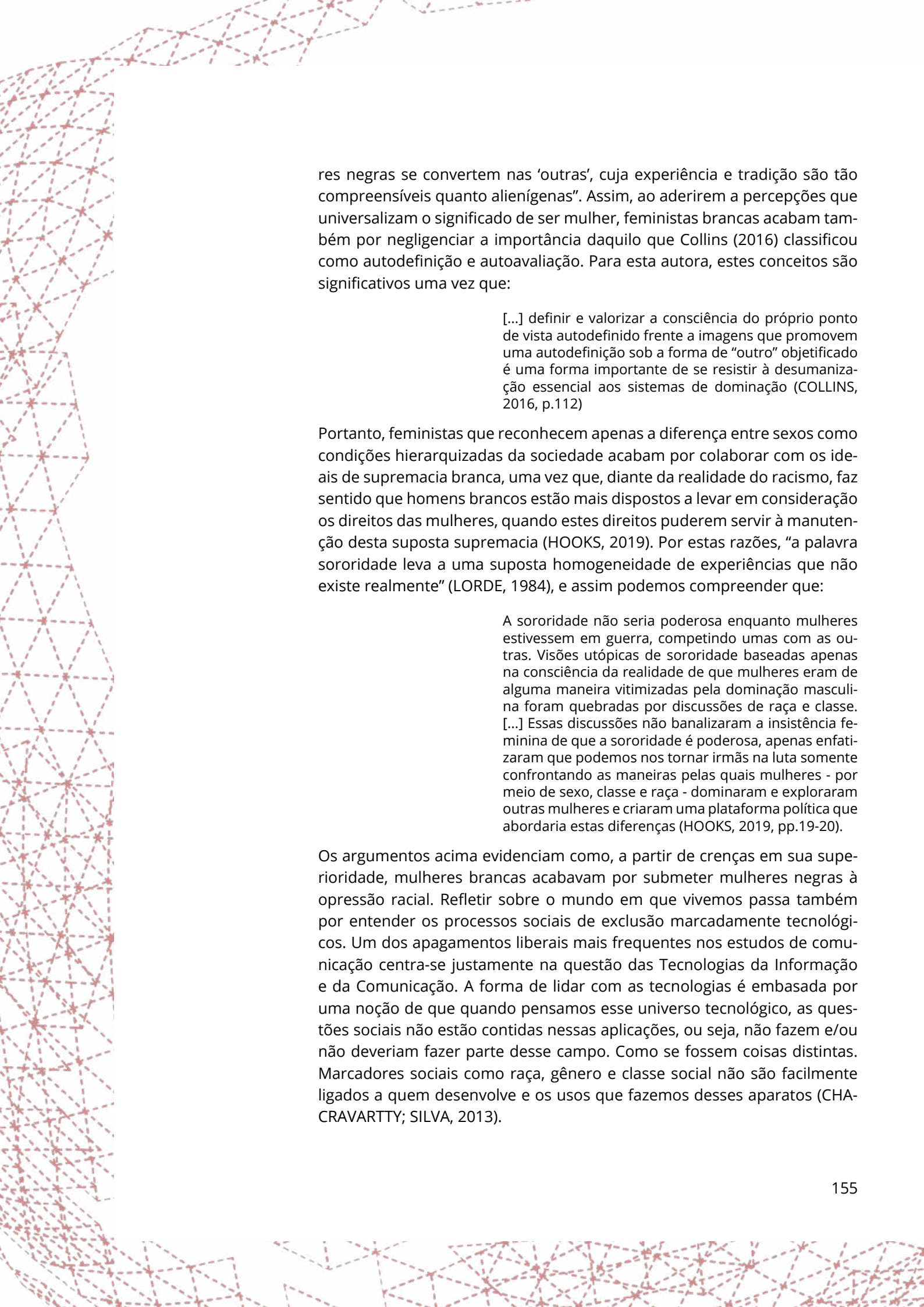
Este primeiro levantamento de autoras essenciais é, obviamente, falho e absolutamente subjetivo. Buscamos um olhar diverso, mas temos condicionantes linguísticos restritivos, que nos fazem escolhermos apenas obras publicadas em inglês ou em espanhol. Destaca-se que a maioria destes textos não foram traduzidos para o português, falamos de um mundo completamente externo às publicações nacionais. Diferentemente do contexto das publicações em língua inglesa, onde podemos nomear, por exemplo, três coletâneas de grande fôlego editadas nas últimas duas décadas abordando e nomeando uma Economia Política Feminista da Comunicação<sup>6</sup>, no contexto latino-americano ainda é bastante difícil afirmar nossa especificidade em relação ao feminismo marxista mais amplo.

Maior esforço ainda é necessário para avançarmos além dos recortes de classe e gênero. A perspectiva de raça mostra-se um desafio central no nosso processo de construção inclusiva do campo. A própria inexistência de metadados relativos à raça denota o apagamento racial na EPC. Não podemos medir a participação de autoras e autores negros no campo. E se nós brasileiras e brasileiros não fizermos este movimento de avanço para a construção de uma Economia Política Racial da Comunicação, certamente não serão os europeus que o farão.

### **O apagamento operado pela sororidade: a emergência do recorte racial para a pesquisa em EPC**

Diante da realidade em que ser branco é um valor em si, como é possível pensar sororidade entre mulheres de diferentes origens raciais quando entre elas há um grupo que por séculos se percebem e fizeram ser percebidos como superiores? Em que sentido o privilégio de ser branco tem relação com a perspectiva de pensar universalmente a condição de “mulher” e quais consequências desta perspectiva? Para Audre Lorde (1984), enquanto mulheres brancas negligenciam a existência de privilégios inerentes à sua condição racial, definindo a categoria mulher baseando-se exclusivamente em sua experiência, têm-se como consequência primária que “mulhe-





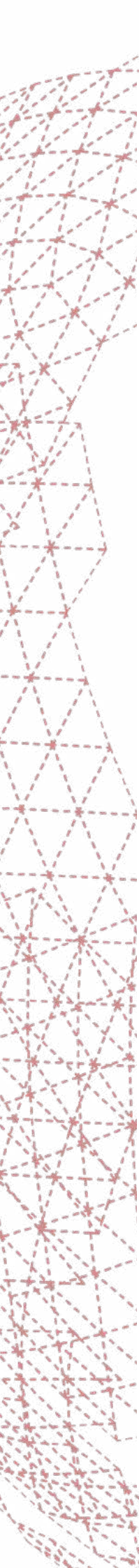
res negras se convertem nas 'outras', cuja experiência e tradição são tão compreensíveis quanto alienígenas". Assim, ao aderirem a percepções que universalizam o significado de ser mulher, feministas brancas acabam também por negligenciar a importância daquilo que Collins (2016) classificou como autodefinição e autoavaliação. Para esta autora, estes conceitos são significativos uma vez que:

[...] definir e valorizar a consciência do próprio ponto de vista autodefinido frente a imagens que promovem uma autodefinição sob a forma de "outro" objetificado é uma forma importante de se resistir à desumanização essencial aos sistemas de dominação (COLLINS, 2016, p.112)

Portanto, feministas que reconhecem apenas a diferença entre sexos como condições hierarquizadas da sociedade acabam por colaborar com os ideais de supremacia branca, uma vez que, diante da realidade do racismo, faz sentido que homens brancos estão mais dispostos a levar em consideração os direitos das mulheres, quando estes direitos puderem servir à manutenção desta suposta supremacia (HOOKS, 2019). Por estas razões, "a palavra sororidade leva a uma suposta homogeneidade de experiências que não existe realmente" (LORDE, 1984), e assim podemos compreender que:

A sororidade não seria poderosa enquanto mulheres estivessem em guerra, competindo umas com as outras. Visões utópicas de sororidade baseadas apenas na consciência da realidade de que mulheres eram de alguma maneira vitimizadas pela dominação masculina foram quebradas por discussões de raça e classe. [...] Essas discussões não banalizaram a insistência feminina de que a sororidade é poderosa, apenas enfatizaram que podemos nos tornar irmãs na luta somente confrontando as maneiras pelas quais mulheres - por meio de sexo, classe e raça - dominaram e exploraram outras mulheres e criaram uma plataforma política que abordaria estas diferenças (HOOKS, 2019, pp.19-20).

Os argumentos acima evidenciam como, a partir de crenças em sua superioridade, mulheres brancas acabavam por submeter mulheres negras à opressão racial. Refletir sobre o mundo em que vivemos passa também por entender os processos sociais de exclusão marcadamente tecnológicos. Um dos apagamentos liberais mais frequentes nos estudos de comunicação centra-se justamente na questão das Tecnologias da Informação e da Comunicação. A forma de lidar com as tecnologias é embasada por uma noção de que quando pensamos esse universo tecnológico, as questões sociais não estão contidas nessas aplicações, ou seja, não fazem e/ou não deveriam fazer parte desse campo. Como se fossem coisas distintas. Marcadores sociais como raça, gênero e classe social não são facilmente ligados a quem desenvolve e os usos que fazemos desses aparatos (CHACRAVARTY; SILVA, 2013).



Uma das obras mais relevantes da EPC nos últimos anos é justamente o *Algorithms of Oppression: how search engines reinforce racism*. Safiya Umoja Noble (2018) se dedicou ao estudo de como os algoritmos de busca do *Google* se tornam racistas porque refletem os preconceitos e valores das pessoas que os criam. Demonstram-se como os algoritmos reproduzem padrões negativos contra mulheres, em especial mulheres negras, e outras populações marginalizadas, enquanto, simultaneamente podem perfilar usuários para orientações políticas e econômicas reacionárias.

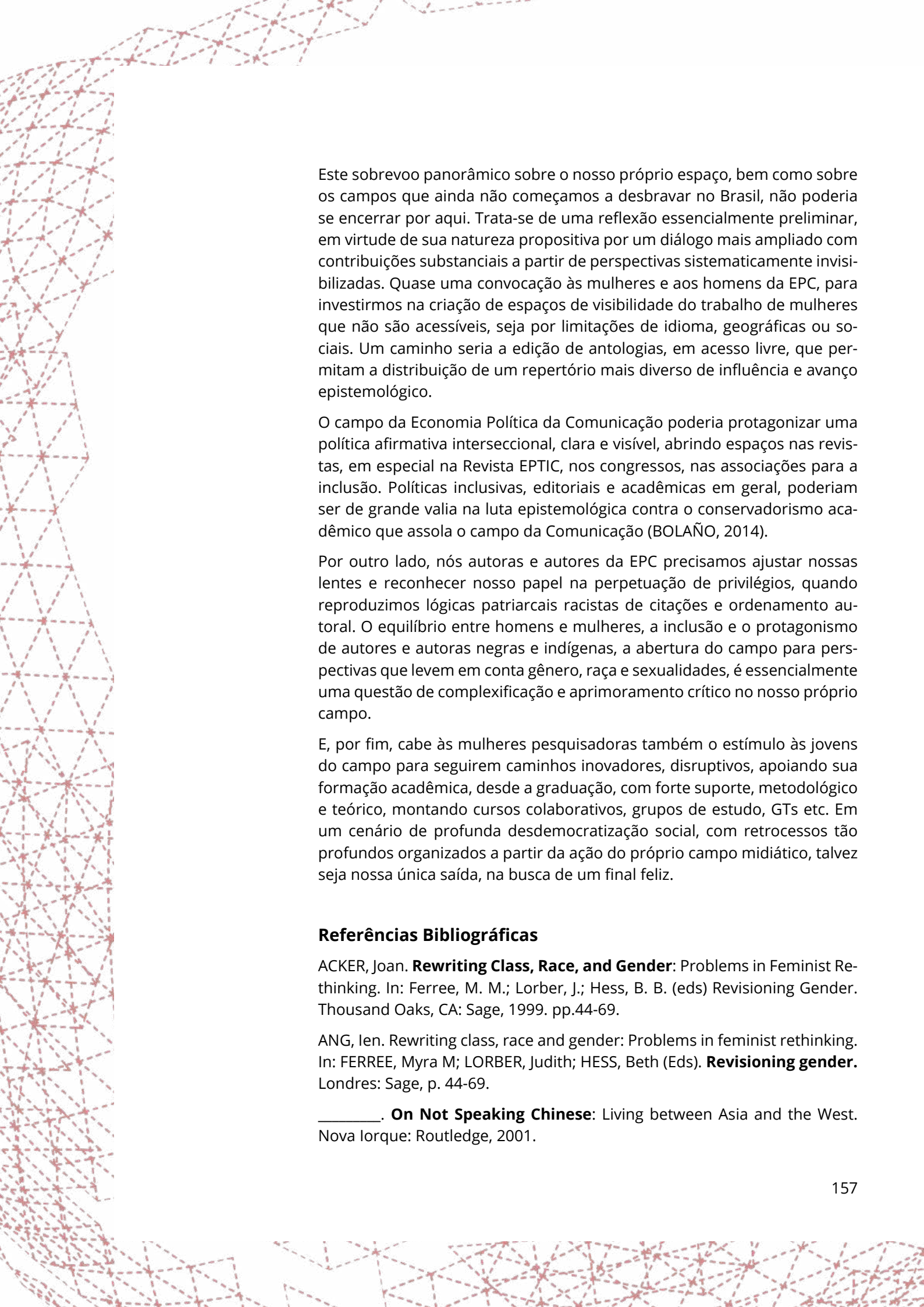
Um trabalho de Safiya Umoja Noble, em parceria com Sarah T. Roberts, foi recentemente traduzido para o Português sob o título *Elites tecnológicas, meritocracia e mitos pós-raciais no Vale do Silício*. As autoras pontuam logo no início do texto, a partir do conceito de pós-racialismo, como essas questões são reforçadas no centro das produções de tecnologia do mundo.

O pós-racialismo se encaixa em uma postura neoliberal antirregulatória e em um sistema de crenças tecnolibertárias de que as soluções tecnológicas podem remediar os males sociais. Desta maneira, opera em um circuito paradoxal de reconhecimento e negação do racismo como uma força organizacional ou operacional problemática. Quando essas posições tecnolibertárias fracassam, as raízes ideológicas são desnudadas e seus promulgadores são revelados como mantendo posições racistas (e sexistas) à moda antiga. Neste caso, a manutenção do poder e do controle é feita sob o disfarce da neutralidade mediada tecnologicamente (NOBLE; ROBERTS, 2020).

Embora, no Brasil, as análises da EPC interseccionando raça e gênero ainda estejam dando os primeiros passos, buscar a tradução de autoras como Safiya Noble, Janet Kwami, Ien Ang, Paula Chakravarty, Rachel Kuo, entre outras, seria uma contribuição efetiva para a democratização do acesso referencial. Ao olharmos para quem produz as tecnologias que mais usamos atualmente como as redes sociais, plataformas de diferentes tipos de entretenimento, aplicativos que auxiliam em variados campos, que vão desde exercício físico a controle de ciclo menstrual, é possível perceber que todas elas são criadas por um tipo padrão de pessoas: homens, brancos e do hemisfério norte. Como sempre.

### **Buscando finais felizes: propostas de avanço interseccional na EPC**

Quando apagamos oportunidades tão ricas de avanço nos estudos, enfraquecemos a própria Economia Política da Comunicação, que parece um tanto estagnada, envolta nos mesmos marcos referenciais de sempre. Como se tudo o que pudesse ser pensado sobre um determinado universo de estudos se resumisse aos trabalhos já há muito publicados pelo conjunto dos 35 autores mais referenciados nas edições da Revista EPTIC.



Este sobrevoo panorâmico sobre o nosso próprio espaço, bem como sobre os campos que ainda não começamos a desbravar no Brasil, não poderia se encerrar por aqui. Trata-se de uma reflexão essencialmente preliminar, em virtude de sua natureza propositiva por um diálogo mais ampliado com contribuições substanciais a partir de perspectivas sistematicamente invisibilizadas. Quase uma convocação às mulheres e aos homens da EPC, para investirmos na criação de espaços de visibilidade do trabalho de mulheres que não são acessíveis, seja por limitações de idioma, geográficas ou sociais. Um caminho seria a edição de antologias, em acesso livre, que permitam a distribuição de um repertório mais diverso de influência e avanço epistemológico.

O campo da Economia Política da Comunicação poderia protagonizar uma política afirmativa interseccional, clara e visível, abrindo espaços nas revistas, em especial na Revista EPTIC, nos congressos, nas associações para a inclusão. Políticas inclusivas, editoriais e acadêmicas em geral, poderiam ser de grande valia na luta epistemológica contra o conservadorismo acadêmico que assola o campo da Comunicação (BOLAÑO, 2014).

Por outro lado, nós autoras e autores da EPC precisamos ajustar nossas lentes e reconhecer nosso papel na perpetuação de privilégios, quando reproduzimos lógicas patriarcais racistas de citações e ordenamento autoral. O equilíbrio entre homens e mulheres, a inclusão e o protagonismo de autores e autoras negras e indígenas, a abertura do campo para perspectivas que levem em conta gênero, raça e sexualidades, é essencialmente uma questão de complexificação e aprimoramento crítico no nosso próprio campo.

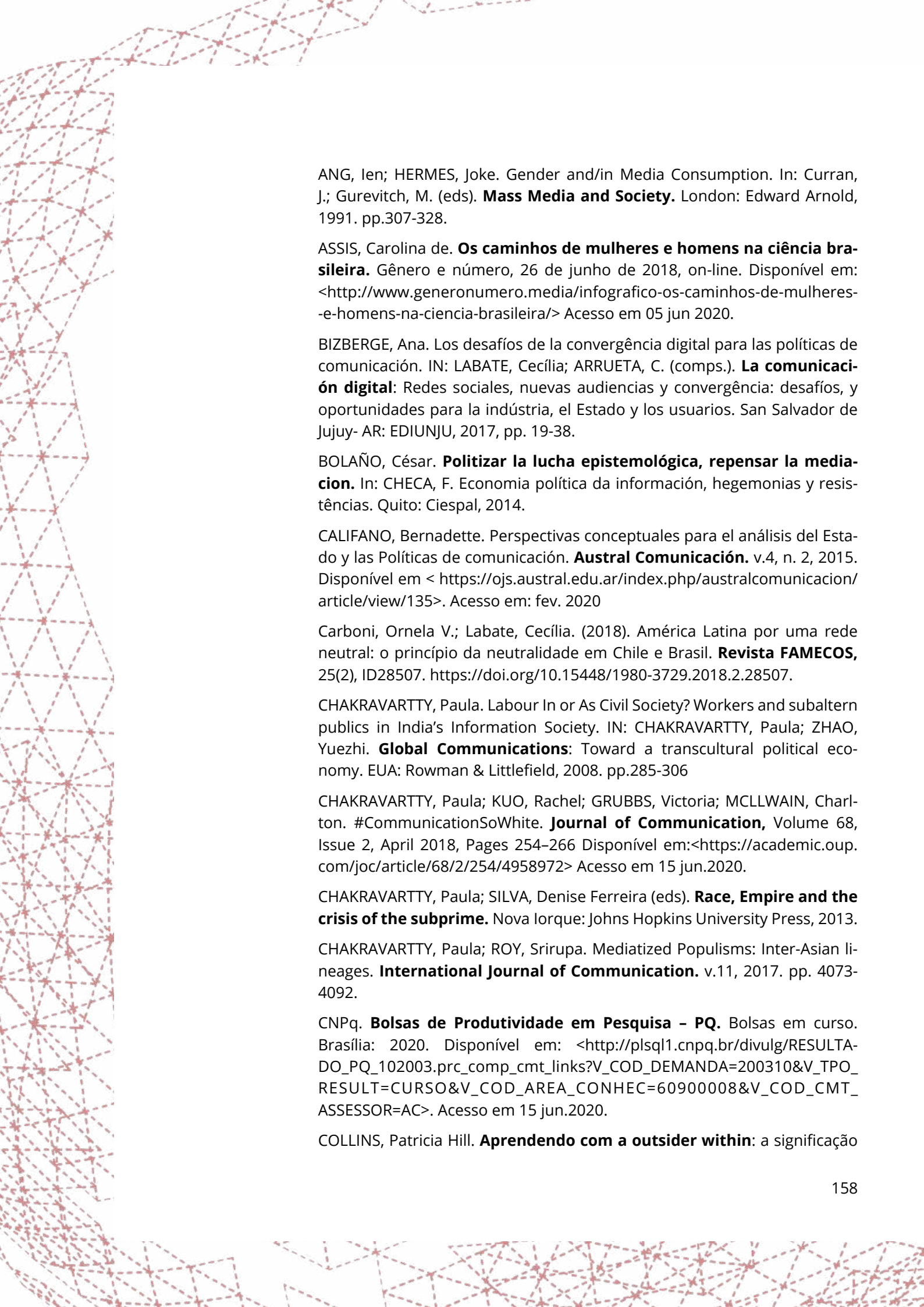
E, por fim, cabe às mulheres pesquisadoras também o estímulo às jovens do campo para seguirem caminhos inovadores, disruptivos, apoiando sua formação acadêmica, desde a graduação, com forte suporte, metodológico e teórico, montando cursos colaborativos, grupos de estudo, GTs etc. Em um cenário de profunda desdemocratização social, com retrocessos tão profundos organizados a partir da ação do próprio campo midiático, talvez seja nossa única saída, na busca de um final feliz.

### Referências Bibliográficas

ACKER, Joan. **Rewriting Class, Race, and Gender: Problems in Feminist Rethinking.** In: Ferree, M. M.; Lorber, J.; Hess, B. B. (eds) *Revisioning Gender*. Thousand Oaks, CA: Sage, 1999. pp.44-69.

ANG, Ien. *Rewriting class, race and gender: Problems in feminist rethinking.* In: FERREE, Myra M; LORBER, Judith; HESS, Beth (Eds). **Revisioning gender.** Londres: Sage, p. 44-69.

\_\_\_\_\_. **On Not Speaking Chinese: Living between Asia and the West.** Nova Iorque: Routledge, 2001.



ANG, Ien; HERMES, Joke. Gender and/in Media Consumption. In: Curran, J.; Gurevitch, M. (eds). **Mass Media and Society**. London: Edward Arnold, 1991. pp.307-328.

ASSIS, Carolina de. **Os caminhos de mulheres e homens na ciência brasileira**. Gênero e número, 26 de junho de 2018, on-line. Disponível em: <<http://www.generonumero.media/infografico-os-caminhos-de-mulheres-e-homens-na-ciencia-brasileira/>> Acesso em 05 jun 2020.

BIZBERGE, Ana. Los desafíos de la convergência digital para las políticas de comunicación. IN: LABATE, Cecília; ARRUETA, C. (comps.). **La comunicación digital: Redes sociales, nuevas audiencias y convergência: desafíos, y oportunidades para la indústria, el Estado y los usuarios**. San Salvador de Jujuy- AR: EDIUNJU, 2017, pp. 19-38.

BOLAÑO, César. **Politizar la lucha epistemológica, repensar la mediación**. In: CHECA, F. Economía política da información, hegemonias y resistências. Quito: Ciespal, 2014.

CALIFANO, Bernadette. Perspectivas conceptuales para el análisis del Estado y las Políticas de comunicación. **Austral Comunicación**. v.4, n. 2, 2015. Disponível em < <https://ojs.austral.edu.ar/index.php/australcomunicacion/article/view/135>>. Acesso em: fev. 2020

Carboni, Ornella V.; Labate, Cecília. (2018). América Latina por uma rede neutral: o princípio da neutralidade em Chile e Brasil. **Revista FAMECOS**, 25(2), ID28507. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2018.2.28507>.

CHAKRAVARTTY, Paula. Labour In or As Civil Society? Workers and subaltern publics in India's Information Society. IN: CHAKRAVARTTY, Paula; ZHAO, Yuezhi. **Global Communications: Toward a transcultural political economy**. EUA: Rowman & Littlefield, 2008. pp.285-306

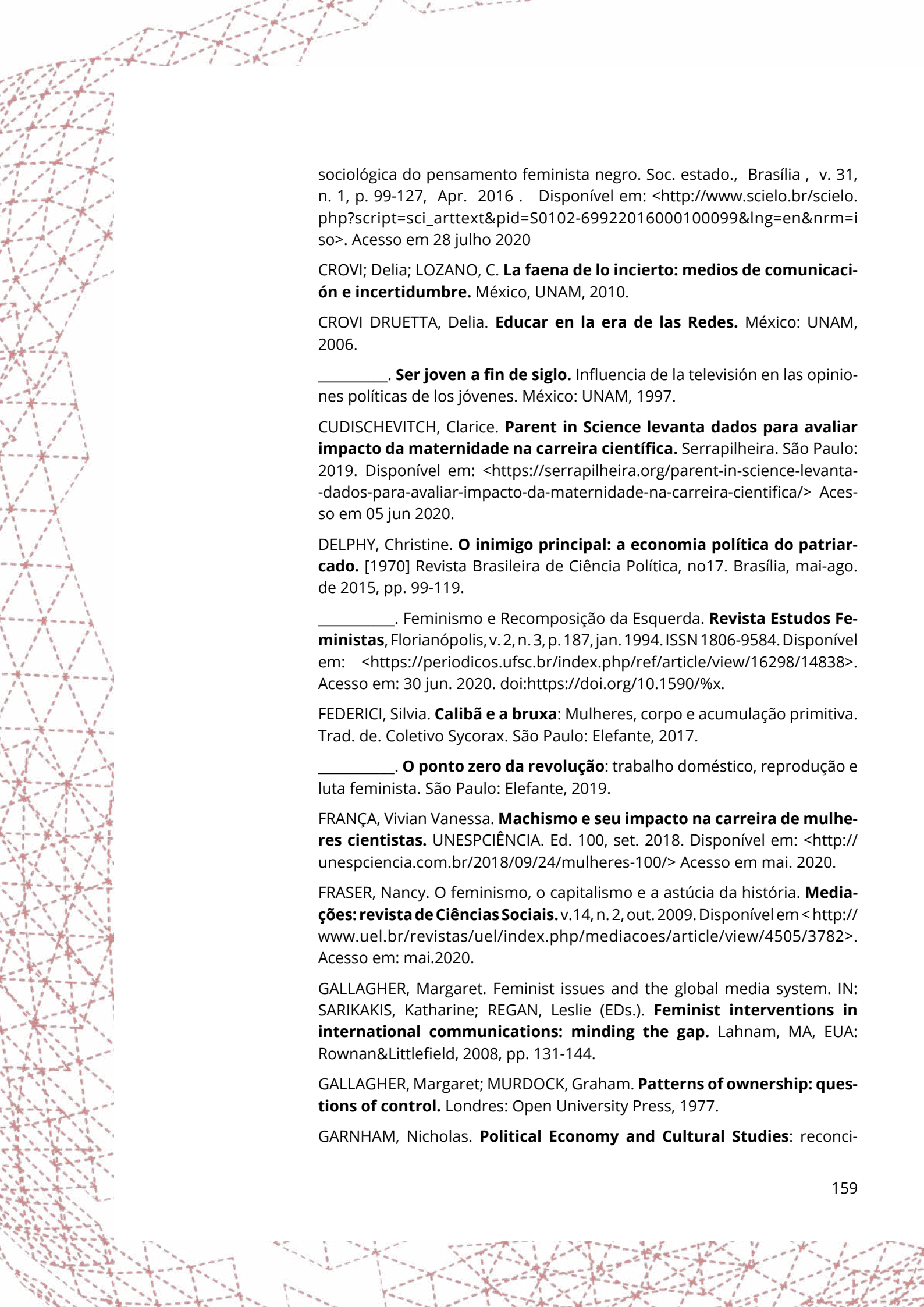
CHAKRAVARTTY, Paula; KUO, Rachel; GRUBBS, Victoria; MCLLWAIN, Charlton. #CommunicationSoWhite. **Journal of Communication**, Volume 68, Issue 2, April 2018, Pages 254–266 Disponível em:<<https://academic.oup.com/joc/article/68/2/254/4958972>> Acesso em 15 jun.2020.

CHAKRAVARTTY, Paula; SILVA, Denise Ferreira (eds). **Race, Empire and the crisis of the subprime**. Nova Iorque: Johns Hopkins University Press, 2013.

CHAKRAVARTTY, Paula; ROY, Srirupa. Mediatized Populisms: Inter-Asian lineages. **International Journal of Communication**. v.11, 2017. pp. 4073-4092.

CNPq. **Bolsas de Produtividade em Pesquisa – PQ**. Bolsas em curso. Brasília: 2020. Disponível em: <[http://plsql1.cnpq.br/divulg/RESULTADO\\_PQ\\_102003.prc\\_comp\\_cmt\\_links?V\\_COD\\_DEMANDA=200310&V\\_TPO\\_RESULT=CURSO&V\\_COD\\_AREA\\_CONHEC=60900008&V\\_COD\\_CMT\\_ASSESSOR=AC](http://plsql1.cnpq.br/divulg/RESULTADO_PQ_102003.prc_comp_cmt_links?V_COD_DEMANDA=200310&V_TPO_RESULT=CURSO&V_COD_AREA_CONHEC=60900008&V_COD_CMT_ASSESSOR=AC)>. Acesso em 15 jun.2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider within: a significação**



sociológica do pensamento feminista negro. Soc. estado., Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, Apr. 2016. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922016000100099&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100099&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 28 julho 2020

CROVI; Delia; LOZANO, C. **La faena de lo incierto: medios de comunicación e incertidumbre**. México, UNAM, 2010.

CROVI DRUETTA, Delia. **Educar en la era de las Redes**. México: UNAM, 2006.

\_\_\_\_\_. **Ser joven a fin de siglo**. Influencia de la televisión en las opiniones políticas de los jóvenes. México: UNAM, 1997.

CUDISCHEVITCH, Clarice. **Parent in Science levanta dados para avaliar impacto da maternidade na carreira científica**. Serrapilheira. São Paulo: 2019. Disponível em: <<https://serrapilheira.org/parent-in-science-levanta-dados-para-avaliar-impacto-da-maternidade-na-carreira-cientifica/>> Acesso em 05 jun 2020.

DELPHY, Christine. **O inimigo principal: a economia política do patriarcado**. [1970] Revista Brasileira de Ciência Política, no17. Brasília, mai-ago. de 2015, pp. 99-119.

\_\_\_\_\_. Feminismo e Recomposição da Esquerda. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.2, n.3, p. 187, jan. 1994. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16298/14838>>. Acesso em: 30 jun. 2020. doi:<https://doi.org/10.1590/%x>.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva**. Trad. de. Coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.

\_\_\_\_\_. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

FRANÇA, Vivian Vanessa. **Machismo e seu impacto na carreira de mulheres cientistas**. UNESPCIÊNCIA. Ed. 100, set. 2018. Disponível em: <<http://unespencia.com.br/2018/09/24/mulheres-100/>> Acesso em mai. 2020.

FRASER, Nancy. O feminismo, o capitalismo e a astúcia da história. **Mediações: revista de Ciências Sociais**. v.14, n.2, out. 2009. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/4505/3782>>. Acesso em: mai.2020.

GALLAGHER, Margaret. Feminist issues and the global media system. IN: SARIKAKIS, Katharine; REGAN, Leslie (EDs.). **Feminist interventions in international communications: minding the gap**. Lahnam, MA, EUA: Rowman&Littlefield, 2008, pp. 131-144.

GALLAGHER, Margaret; MURDOCK, Graham. **Patterns of ownership: questions of control**. Londres: Open University Press, 1977.

GARNHAM, Nicholas. **Political Economy and Cultural Studies: reconciling**

liation or divorce? In: Critical studies in mass communication. Volume 12, 1995, pp. 62-71. Disponível em: <[https://is.muni.cz/el/1421/podzim2008/MVKK\\_07/um/6\\_C3\\_Garnham\\_\\_1995\\_\\_Political\\_economy\\_and\\_cultural\\_studies.pdf](https://is.muni.cz/el/1421/podzim2008/MVKK_07/um/6_C3_Garnham__1995__Political_economy_and_cultural_studies.pdf)> Acesso em 05 jun 2020.

GRAZIANO, Margarita. Los dueños de la televisión Argentina. **Comunicación y cultura**. n.3, 1974, p. 175-212.

GURUMURTHY, Anita. Where is the 'struggle' in communications for social progress? **Global media and communication**, v. 14, n. 2, 2018. pp. 192-200. Disponível em: < <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1742766518776686>>. Acesso em abr. 2020.

HARTMANN, Heidi. **The Unhappy Marriage of Marxism and Feminism: Towards a More Progressive Union**. In: Capital & Class 3, no. 2, July, 1979. pp. 1-33. Disponível em: <[https://web.ics.purdue.edu/~hoganr/SOC%20602/Hartmann\\_1979.pdf](https://web.ics.purdue.edu/~hoganr/SOC%20602/Hartmann_1979.pdf)> Acesso em 05 jun 2020.

HARVEY, David. **O enigma do capital: e as crises do capitalismo**. Trad. João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2011.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Trad. Ana Luíza Libânio. 4.ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

\_\_\_\_\_. A teoria como prática libertadora. In: \_\_\_\_ **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. Cap.5, p.83-104

\_\_\_\_\_. **E eu não sou uma mulher?** São Paulo: Rosa dos Tempos, 2019.

JOHNSON, Jennifer A. Mapping the feminist political economy of the on-line commercial pornography industry: A network approach. **International Journal of Media & Cultural Politics**. v.7, n.2, 2011. DOI: [https://doi.org/10.1386/macp.7.2.189\\_1](https://doi.org/10.1386/macp.7.2.189_1)

KOLLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e a moral sexual**. São Paulo: Expressão popular, 2010.

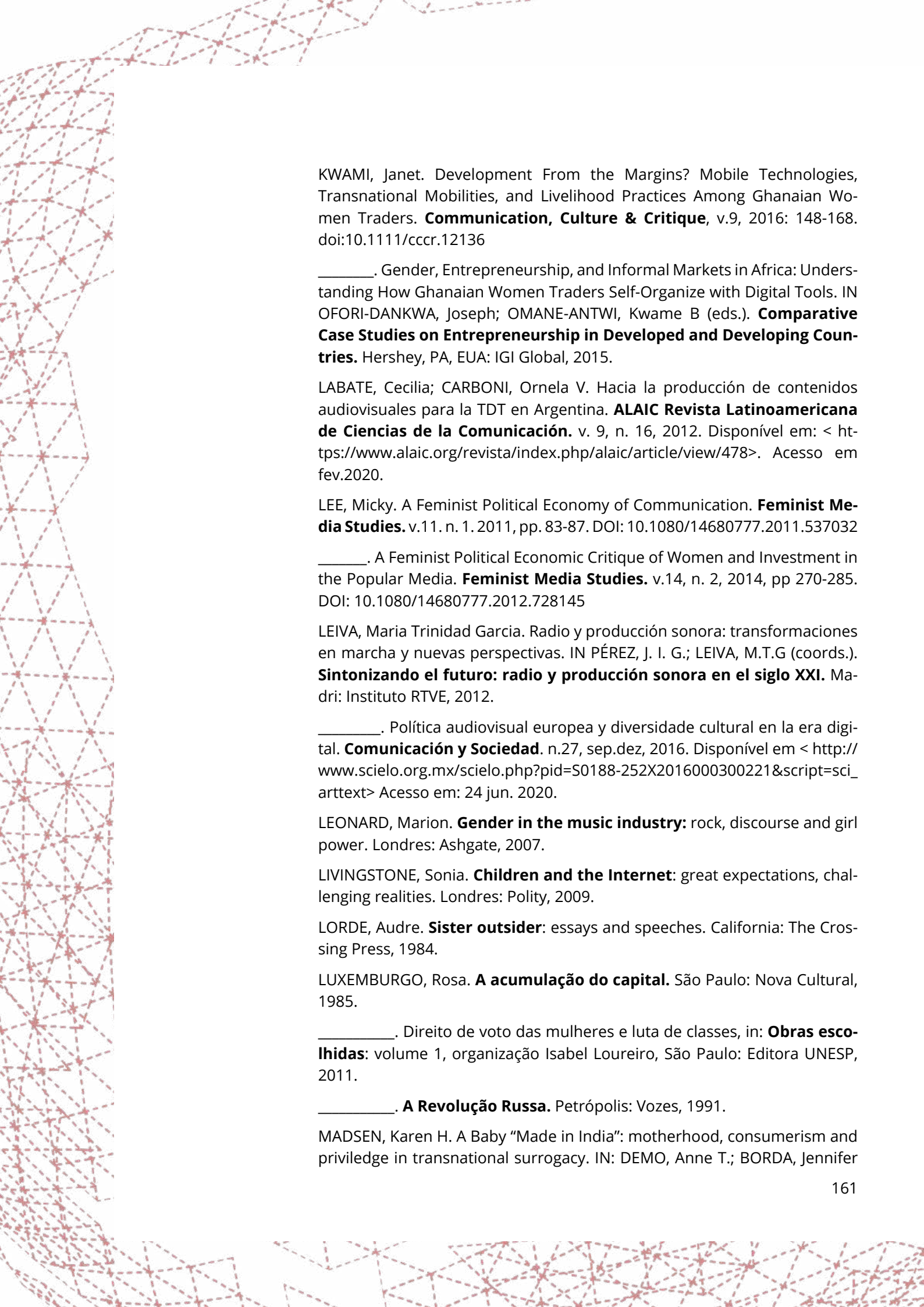
\_\_\_\_\_. **Women's Day** (1913) (disponível em: <https://www.marxists.org/archive/kollonta/1913/womens-day.htm>)

\_\_\_\_\_. **Working Woman and Mother** (1916) (disponível em: <https://www.marxists.org/archive/kollonta/1916/working-mother.htm>)

\_\_\_\_\_. **Comunism and the Family** (1920) (disponível em: <https://www.marxists.org/archive/kollonta/1920/communism-family.htm>)

KUO, Rachel. Animating Feminist Anger: Economies of Race and Gender in Reaction GIFs. In: Ging D., Siapera E. (eds) **Gender Hate Online**. Palgrave Macmillan, Cham. [https://doi.org/10.1007/978-3-319-96226-9\\_9](https://doi.org/10.1007/978-3-319-96226-9_9)

\_\_\_\_\_. Racial justice activist hashtags: counterpublics and discourse circulation. **New Media & Society**. v. 20, n. 2, pp. 495-514. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1461444816663485>>



KWAMI, Janet. Development From the Margins? Mobile Technologies, Transnational Mobilities, and Livelihood Practices Among Ghanaian Women Traders. **Communication, Culture & Critique**, v.9, 2016: 148-168. doi:10.1111/cccr.12136

\_\_\_\_\_. Gender, Entrepreneurship, and Informal Markets in Africa: Understanding How Ghanaian Women Traders Self-Organize with Digital Tools. IN OFORI-DANKWA, Joseph; OMANE-ANTWI, Kwame B (eds.). **Comparative Case Studies on Entrepreneurship in Developed and Developing Countries**. Hershey, PA, EUA: IGI Global, 2015.

LABATE, Cecilia; CARBONI, Ornela V. Hacia la producción de contenidos audiovisuales para la TDT en Argentina. **ALAIC Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**. v. 9, n. 16, 2012. Disponível em: < <https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/article/view/478>>. Acesso em fev.2020.

LEE, Micky. A Feminist Political Economy of Communication. **Feminist Media Studies**. v.11. n. 1. 2011, pp. 83-87. DOI: 10.1080/14680777.2011.537032

\_\_\_\_\_. A Feminist Political Economic Critique of Women and Investment in the Popular Media. **Feminist Media Studies**. v.14, n. 2, 2014, pp 270-285. DOI: 10.1080/14680777.2012.728145

LEIVA, Maria Trinidad Garcia. Radio y producción sonora: transformaciones en marcha y nuevas perspectivas. IN PÉREZ, J. I. G.; LEIVA, M.T.G (coords.). **Sintonizando el futuro: radio y producción sonora en el siglo XXI**. Madrid: Instituto RTVE, 2012.

\_\_\_\_\_. Política audiovisual europea y diversidad cultural en la era digital. **Comunicación y Sociedad**. n.27, sep.dez, 2016. Disponível em < [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0188-252X2016000300221&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S0188-252X2016000300221&script=sci_arttext)> Acesso em: 24 jun. 2020.

LEONARD, Marion. **Gender in the music industry: rock, discourse and girl power**. Londres: Ashgate, 2007.

LIVINGSTONE, Sonia. **Children and the Internet: great expectations, challenging realities**. Londres: Polity, 2009.

LORDE, Audre. **Sister outsider: essays and speeches**. California: The Crossing Press, 1984.

LUXEMBURGO, Rosa. **A acumulação do capital**. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

\_\_\_\_\_. Direito de voto das mulheres e luta de classes, in: **Obras escolhidas: volume 1**, organização Isabel Loureiro, São Paulo: Editora UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. **A Revolução Russa**. Petrópolis: Vozes, 1991.

MADSEN, Karen H. A Baby "Made in India": motherhood, consumerism and privilege in transnational surrogacy. IN: DEMO, Anne T.; BORDA, Jennifer

L.; KROLOKE, Charlotte. **The motherhood business: consumption, communication and privilege**. Tuscaloosa, AL, EUA: University of Alabama Press, 2015, pp. 76-94.

MAYER, Vicki. A televisão digital no Brasil: vista de Manaus. **Liinc em revista**. v. n. 2, 2007. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3123>>. Acesso em: mai. 2007.

\_\_\_\_\_. Os lugares onde os estudos de audiência e os estudos de produção se encontram. **Matrizes**. v. 11, n. 3 (2017). Pp 39-55.

MAYER, Vicki; PRESS, Andrea; VERHOEVEN, Deb; STERNE, Jonathan. **How do we intervene in the stubborn persistence of patriarchy in communication scholarship?** In: SHAW, Adrienne; SCOTT, D. Travers. *Interventions: Communication Research and Practice*. Series: ICA International Communication Association Annual Conference Theme Book Series. Nova Iorque: Peter Lang, 2017.

MCLAUGHLIN, Lisa. Feminism and the Political Economy of Transnational Public Space. **The Sociological Review**, Volume 52, 2004, pp. 156-175.

MCLAUGHLIN, Lisa; CARTER, Cynthia. **Current perspectives in Feminist Media Studies**. Nova Iorque: Routledge, 2012.

McROBBIE, Angela. Shut up and Dance: youth culture and changing modes of femininity. **Young**. v.1, n.2, mai. 1993: 13-31. DOI: 10.1177/110330889300100202.

\_\_\_\_\_. Working class girls and the culture of femininity". IN: **Women take issue: aspects of women's subordination**. Londres: Taylor and Francis, 1978, p. 96-108.

\_\_\_\_\_. **Be creative making a living in the new culture industries**. Londres: Polity Press, 2014.

MEEHAN, Eileen R. **Why TV Is Not Our Fault**: Television Programming, Viewers, and Who's Really in Control. Chicago: Rowman&Littlefield, 2005.

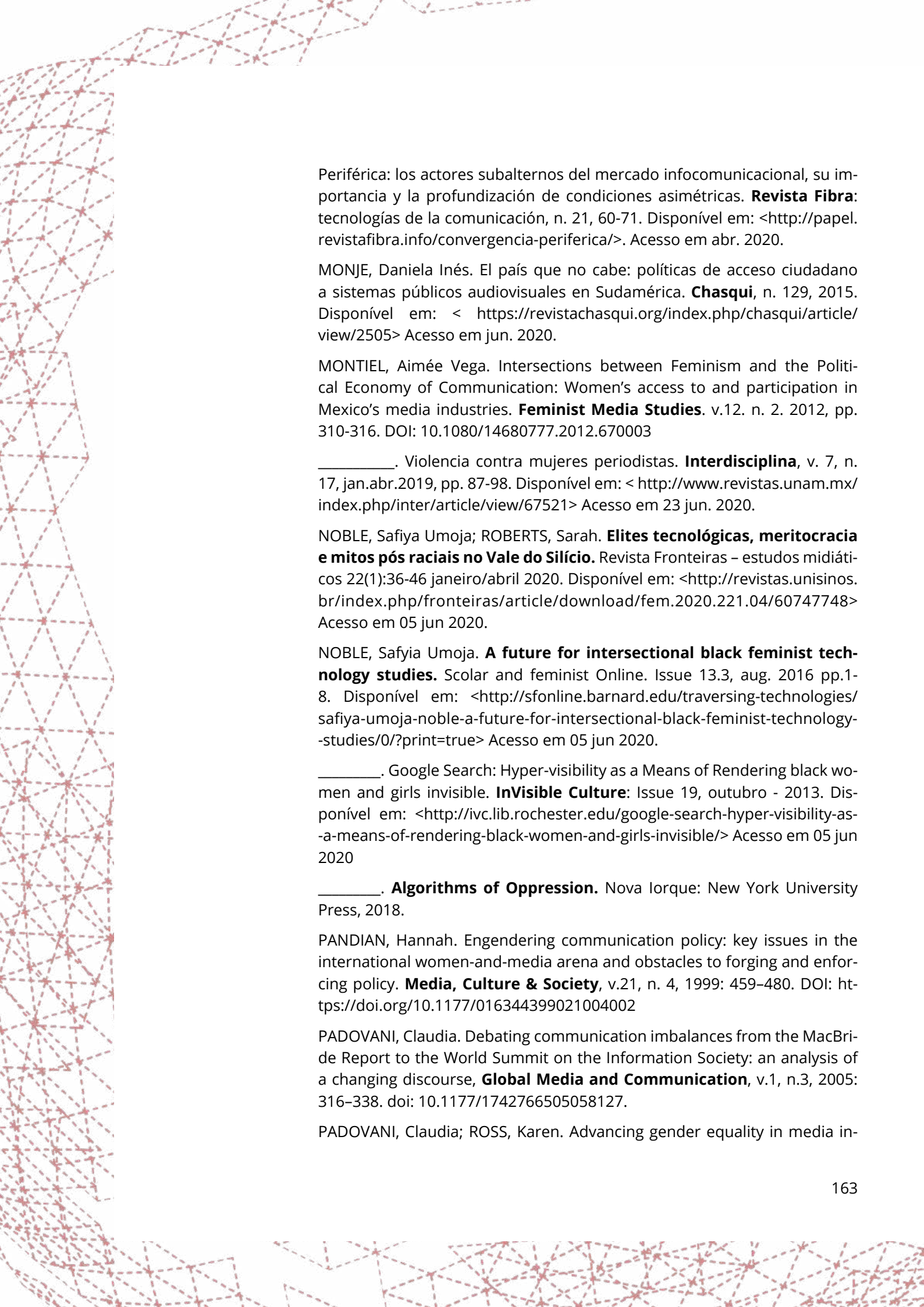
\_\_\_\_\_. Ratings and the institutional approach: A third answer to the commodity question. **Critical Studies in Mass Communication**, v1, n.2, 1984, pp. 216-225, DOI: 10.1080/15295038409360032

\_\_\_\_\_. "Holy commodity fetish, Batman!": The political economy of a commercial intertext. IN PEARSON, Roberta E.; URICCHIO, William. **The many lives of Batman**: critical approaches to a superhero and his media. Londres: Routledge, 1991.

MEEHAN, R. Eileen; RIORDAN, Ellen (eds.). **Sex & Money**: Feminism and Political Economy or Media. Minneapolis-MN: University of Minnesota Press, 2002.

MONJE, Daniela Inés; RIVERO, Ezequiel; ZANOTTI, Juan M. *Convergencia*





Periférica: los actores subalternos del mercado infocomunicacional, su importancia y la profundización de condiciones asimétricas. **Revista Fibra: tecnologías de la comunicación**, n. 21, 60-71. Disponível em: <<http://papel.revistafibra.info/convergencia-periferica/>>. Acesso em abr. 2020.

MONJE, Daniela Inés. El país que no cabe: políticas de acceso ciudadano a sistemas públicos audiovisuales en Sudamérica. **Chasqui**, n. 129, 2015. Disponível em: < <https://revistachasqui.org/index.php/chasqui/article/view/2505>> Acesso em jun. 2020.

MONTIEL, Aimée Vega. Intersections between Feminism and the Political Economy of Communication: Women's access to and participation in Mexico's media industries. **Feminist Media Studies**. v.12. n. 2. 2012, pp. 310-316. DOI: 10.1080/14680777.2012.670003

\_\_\_\_\_. Violencia contra mujeres periodistas. **Interdisciplina**, v. 7, n. 17, jan.abr.2019, pp. 87-98. Disponível em: < <http://www.revistas.unam.mx/index.php/inter/article/view/67521>> Acesso em 23 jun. 2020.

NOBLE, Safiya Umoja; ROBERTS, Sarah. **Elites tecnológicas, meritocracia e mitos pós raciais no Vale do Silício**. Revista Fronteiras – estudos midiáticos 22(1):36-46 janeiro/abril 2020. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/download/fem.2020.221.04/60747748>> Acesso em 05 jun 2020.

NOBLE, Safiya Umoja. **A future for intersectional black feminist technology studies**. *Solar and feminist Online*. Issue 13.3, aug. 2016 pp.1-8. Disponível em: <<http://sfonline.barnard.edu/traversing-technologies/safiya-umoja-noble-a-future-for-intersectional-black-feminist-technology-studies/0/?print=true>> Acesso em 05 jun 2020.

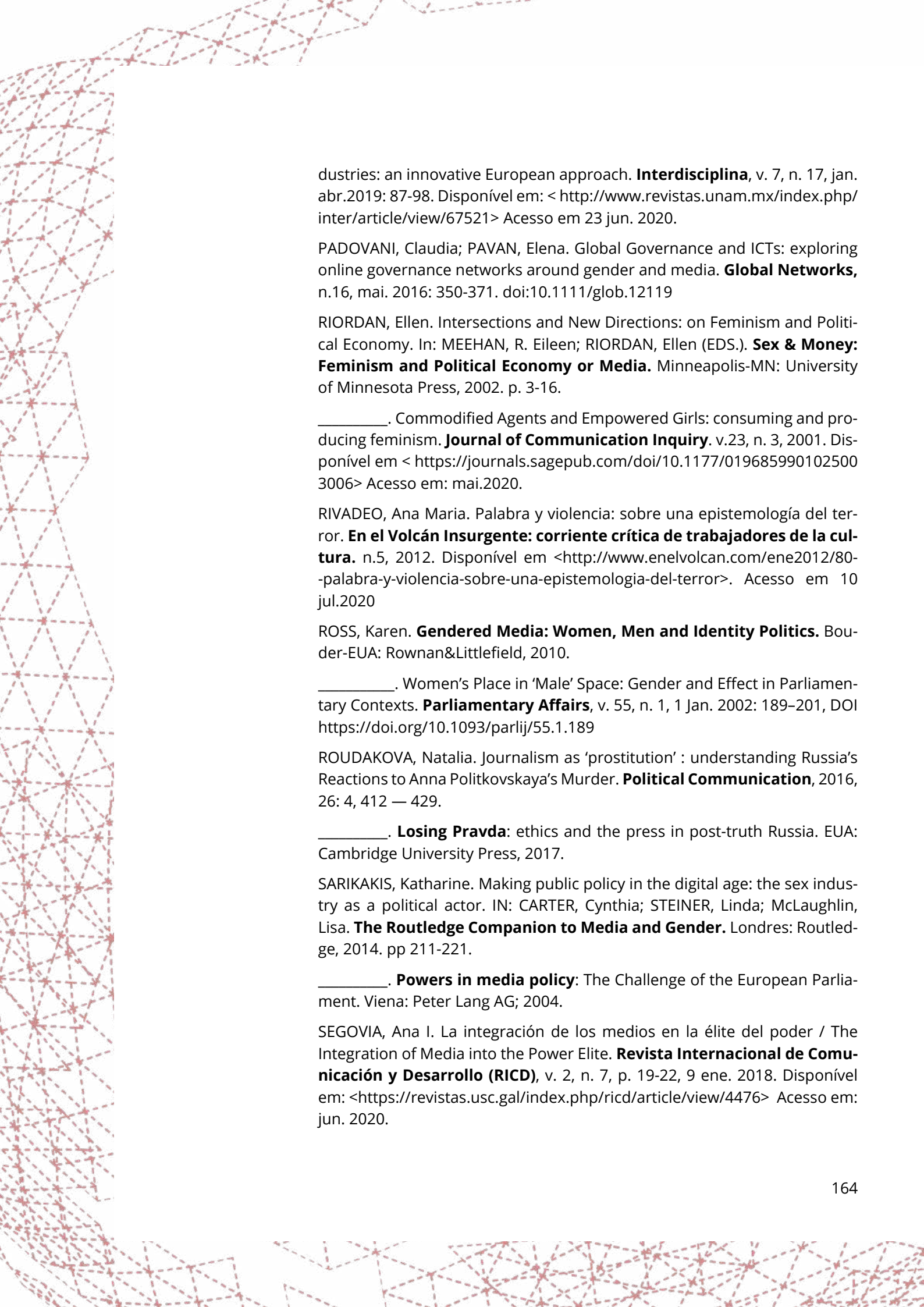
\_\_\_\_\_. Google Search: Hyper-visibility as a Means of Rendering black women and girls invisible. **InVisible Culture**: Issue 19, outubro - 2013. Disponível em: <<http://ivc.lib.rochester.edu/google-search-hyper-visibility-as-a-means-of-rendering-black-women-and-girls-invisible/>> Acesso em 05 jun 2020

\_\_\_\_\_. **Algorithms of Oppression**. Nova Iorque: New York University Press, 2018.

PANDIAN, Hannah. Engendering communication policy: key issues in the international women-and-media arena and obstacles to forging and enforcing policy. **Media, Culture & Society**, v.21, n. 4, 1999: 459-480. DOI: <https://doi.org/10.1177/016344399021004002>

PADOVANI, Claudia. Debating communication imbalances from the MacBride Report to the World Summit on the Information Society: an analysis of a changing discourse, **Global Media and Communication**, v.1, n.3, 2005: 316-338. doi: 10.1177/1742766505058127.

PADOVANI, Claudia; ROSS, Karen. Advancing gender equality in media in-



dustries: an innovative European approach. **Interdisciplina**, v. 7, n. 17, jan. abr.2019: 87-98. Disponível em: < <http://www.revistas.unam.mx/index.php/inter/article/view/67521>> Acesso em 23 jun. 2020.

PADOVANI, Claudia; PAVAN, Elena. Global Governance and ICTs: exploring online governance networks around gender and media. **Global Networks**, n.16, mai. 2016: 350-371. doi:10.1111/glob.12119

RIORDAN, Ellen. Intersections and New Directions: on Feminism and Political Economy. In: MEEHAN, R. Eileen; RIORDAN, Ellen (EDS.). **Sex & Money: Feminism and Political Economy or Media**. Minneapolis-MN: University of Minnesota Press, 2002. p. 3-16.

\_\_\_\_\_. Commodified Agents and Empowered Girls: consuming and producing feminism. **Journal of Communication Inquiry**. v.23, n. 3, 2001. Disponível em < <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0196859901025003006>> Acesso em: mai.2020.

RIVADEO, Ana Maria. Palabra y violencia: sobre una epistemología del terror. **En el Volcán Insurgente: corriente crítica de trabajadores de la cultura**. n.5, 2012. Disponível em <<http://www.enelvolcan.com/ene2012/80-palabra-y-violencia-sobre-una-epistemologia-del-terror>>. Acesso em 10 jul.2020

ROSS, Karen. **Gendered Media: Women, Men and Identity Politics**. Boulder-EUA: Rowman&Littlefield, 2010.

\_\_\_\_\_. Women's Place in 'Male' Space: Gender and Effect in Parliamentary Contexts. **Parliamentary Affairs**, v. 55, n. 1, 1 Jan. 2002: 189–201, DOI <https://doi.org/10.1093/parlij/55.1.189>

ROUDAKOVA, Natalia. Journalism as 'prostitution' : understanding Russia's Reactions to Anna Politkovskaya's Murder. **Political Communication**, 2016, 26: 4, 412 — 429.

\_\_\_\_\_. **Losing Pravda: ethics and the press in post-truth Russia**. EUA: Cambridge University Press, 2017.

SARIKAKIS, Katharine. Making public policy in the digital age: the sex industry as a political actor. IN: CARTER, Cynthia; STEINER, Linda; McLaughlin, Lisa. **The Routledge Companion to Media and Gender**. Londres: Routledge, 2014. pp 211-221.

\_\_\_\_\_. **Powers in media policy: The Challenge of the European Parliament**. Viena: Peter Lang AG; 2004.

SEGOVIA, Ana I. La integración de los medios en la élite del poder / The Integration of Media into the Power Elite. **Revista Internacional de Comunicación y Desarrollo (RICD)**, v. 2, n. 7, p. 19-22, 9 ene. 2018. Disponível em: <<https://revistas.usc.gal/index.php/ricd/article/view/4476>> Acesso em: jun. 2020.

\_\_\_\_\_. Gigantes globales y grupos regionales en España: una estrategia conjunta. **Sphera Publica**, n.5, pp. 41-57, 2005. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/pdf/297/29700503.pdf>>. Acesso em jun. 2020.

SHEPHERD, Tamara. Gendering the commodity audience in social media. IN: CARTER, Cynthia; STEINER, Linda; McLaughlin, Lisa. **The Routledge Companion to Media and Gender**. Londres: Routledge, 2014. pp 157-166.

SHEPHERD, Tamara. Net neutrality regulation and the Participatory Condition. **Internet Policy Review**, v. 8, n.2, 2019. Disponível em: < <https://policyreview.info/articles/analysis/net-neutrality-regulation-and-participatory-condition>>. Acesso em jun. 2020.

SOUSA, Helena. Economia política da comunicação e dos media: novos cruzamentos e triangulações. **Comunicação e Sociedade**. v. 7, 2005. Disponível em: < <https://revistacomsoc.pt/article/view/1343>>. Acesso em mai. 2020.

STANICUASKI, Fernanda. **Parent in Science - Entrevista**. ANPED. Portal Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. São Paulo: 2018. Disponível em:< <http://www.anped.org.br/news/parent-science>> Acesso em junho de 2020.

STEEVES, H. Leslie; WASKO, Janet. **Feminist Theory and Political Economy: Toward a Friendly Alliance**. In: MEEHAN, R. Eileen; RIORDAN, Ellen (EDS.). *Sex & Money: Feminism and Political Economy or Media*. Minneapolis-MN: University of Minnesota Press, 2002. pp. 17-30.

VARTANOVA, Elena. The Russian Media Model in the Context of Post-Soviet Dynamics. IN: HALLIN, Daniel; MANCINI, Paolo. **Comparing media systems beyond western world**. EUA: Cambridge University Press, 2011. p. 119,142.

WASKO, Janet. **Understanding Disney: the manufacture of fantasy**. Polity, 2001.

\_\_\_\_\_. **How Hollywood Works**. Londres: Sage, 2003.

\_\_\_\_\_. **Hollywood in the Information Age**. Malden-MA-EUA: Polity, 1994.

VOLTMER, Karin. **The media in transitional democracies**. Cambridge, Inglaterra: Polity, 2013.

WOOD, Ellen Melksins. **Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico**. São Paulo: Boitempo, 2003.

\_\_\_\_\_. The Separation of the Economic and the Political in Capitalism. **New Left Review**, v.I, n.127, May-June 1981

ZETKIN, Clara. Lenin on the Women's question. **Marxist Internet Archive**. Disponível em<<https://www.marxist.com/lenin-on-the-women-s-question.htm>>. Acesso em mai.2020.